

# Cenário cultural

Mário Brockmann Machado

## **Ministro Celso Furtado:**

EU VOU ME PERMITIR CONVIDAR O PE. Fernando Bastos Dávila a compor a mesa conosco. A apresentação do Dr. Márcio Tavares d'Amaral, abrindo esse horizonte, nos vai seguramente ajudar no debate que seguirá a terceira exposição. Convido o Dr. Mario Brockmann Machado, que tem também ampla experiência no campo da administração cultural e da vida cultural brasileira, para fazer a sua exposição.

## **Dr. Mario Brockmann:**

Sr. Ministro, demais membros da Mesa, senhoras e senhores. O que nos preocupa neste encontro é uma indagação importante e difícil. Queremos saber se o Brasil, na virada do século, será um país economicamente viável, politicamente democrático, socialmente justo e culturalmente pluralista. Não sairemos daqui com respostas prontas e acabadas, mas acho que podemos indicar alguns aspectos dessas possíveis respostas. Eu tentarei fazer isso dentro do âmbito da questão cultural, com base em algumas observações e anotações esparsas, apenas alinhavadas, mas ainda não inteiramente redigidas.

De início, duas ressalvas: em primeiro lugar, o conceito de cultura não é unívoco, não possui um único significado. Tanto na linguagem comum, que todos nós falamos, quanto na linguagem técnica dos antropólogos, o conceito de cultura possui amplos significados. Este fato poderá dar origem a várias dúvidas e divergências que trataremos de esclarecer e

enfrentar no debate subsequente. Em segundo lugar, dentre a imensa gama de questões que poderiam ser abordadas, selecionei apenas quatro. Existem várias outras questões importantes, mas o tempo atribuído a cada um, a cada expositor, exige essa limitação.

Essas quatro questões são as seguintes: primeiro, a questão da preservação da memória nacional; segundo, a questão da internacionalização da cultura; terceiro, a questão da indústria cultural; e quarto, a questão da informatização da sociedade. Em cada uma dessas questões tentarei identificar rapidamente, telegraficamente, quatro aspectos: primeiro, a tendência observável principal de cada questão; segundo, o resultado provável dessa tendência na virada do século; terceiro, a diretriz da intervenção a ser adotada, de tal forma a possibilitar a construção de um futuro desejável e possível; e quarto, quando possível, mencionar alguns exemplos de intervenções que já estejam sendo feitas nessas áreas.

A primeira questão, portanto, é a da preservação da memória nacional. Eu diria que a tendência observável parece ser ainda a de uma preservação elitista da memória nacional. Preservação de grandes nomes, de grandes feitos e de grandes monumentos arquitetônicos que caracterizam a história dos segmentos econômico, político e socialmente dominantes de nossa sociedade. Por exemplo, são preservados palácios, sedes de grandes fazendas de café, de grandes usinas de açúcar, são preservados sobrados, igrejas e fortificações militares, isto é, as lembranças dos governantes, da aristocracia rural, da aristocracia urbana, da igreja católica e dos militares. O resultado provável dessa tendência, se não alterada, é de que as futuras gerações do Século XXI terão uma visão parcial e, portanto, distorcida e empobrecida, de nossa herança cultural. Quanto à diretriz para alterar essa tendência, parece-me claro que ela consiste em estabelecer programas que possam democratizar o conceito de memória nacional, de memória cultural, incorporando a variada gama de manifestações culturais de toda a população brasileira, e não apenas de seus segmentos dominantes. Eu diria, como exemplo, que o Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional Pró-Memória e do Instituto Nacional do Folclore, já vem trabalhando, nos últimos anos, da redefinição do conceito de cultura popular, de memória cultural. Justamente no sentido de incorporar essa dimensão que eu mencionei. Entendo que essas instituições e essa diretriz devam ser incentivadas e apoiadas.

A segunda questão é a da internacionalização da cultura. A tendência observável parece ser a seguinte. A crescente internacionalização da cultura, possibilitada pela difusão dos meios de comunicação de massa, fenômeno que se observa em escala mundial, coloca as sociedades mais desenvolvidas como pólos geradores de novos valores, que invadem, em geral unilateralmente, as sociedades menos desenvolvidas. O resultado provável dessa tendência será de que as futuras gerações do Século XXI poderão perder a noção de identidade cultural, por mais problemático que seja esse conceito de identidade cultural, o que, por sua vez, poderá ter dramáticas conseqüências quanto à formulação e manutenção de um projeto nacional para o desenvolvimento econômico, político e social do país. Quanto à diretriz para alterar essa tendência, considerando que essa é seguramente uma tendência extremamente forte e provavelmente irreversível, e, afastada, por antidemocrática e obscurantista, a possibilidade de fechamento de fronteiras culturais, eu diria que o fundamental seria o Governo fomentar de todas as maneiras, mas sem dirigir, a produção e a circulação cultural do país. Trata-se de dar as condições materiais para que a sociedade libere o seu potencial criativo, sua imaginação criadora, produzindo com qualidade competitiva. A ausência de censura, salvo a indicativa, e o fomento à produção e à circulação parecem ser a solução para esse desafio. Como exemplo nesse sentido, eu mencionaria aqui a recente aprovação da lei de incentivos fiscais para a área da cultura, a conhecida Lei Sarney. Acho que, neste particular, o Presidente e o Ministro da Cultura acertaram plenamente. Essa lei, ao que tudo indica, permitirá a ocorrência de um renascimento cultural bastante forte, especialmente no âmbito das artes. E o que é mais, sem o perigo do dirigismo estatal, já que os recursos gerados por essa lei circularão dentro da própria sociedade, sem passar, salvo em casos muito raros, pelo próprio Ministro da Cultura.

A terceira questão é a da indústria cultural. Como tendência eu percebo que o modo de produção cultural artesanal está sendo rapidamente destruído por uma forte indústria cultural que, para expandir-se e conquistar novos mercados, precisa produzir para a média das preferências, daí resultando extraordinária massificação cultural. Verifica-se também uma tendência de forte concentração da indústria cultural em poucas unidades produtoras,

notadamente no âmbito da televisão. O resultado dessa tendência, além da massificação cultural que já mencionei, pode ser o de que as novas gerações do Século XXI venham a estar subordinadas a todo tipo de manipulação política, tornada possível pela oligopolização dos meios principais de produção da indústria cultural. Diretrizes para alterar essa tendência, haveria basicamente duas. Em primeiro lugar, uma legislação corajosa contra a excessiva centralização de poder na indústria cultural. E, em segundo lugar, programas que possam garantir a existência de sistemas alternativos de produção e circulação de bens culturais, que podem e devem existir ao lado da indústria cultural dominante. Tais sistemas poderão atender e consolidar a enorme diversidade de preferências que a grande indústria cultural não consegue atingir. Em outras palavras, garantir o pluralismo cultural apoiando manifestações culturais que não sobrevivem no mercado cultural, mas que nem por isso podem ser desprezadas. Manifestações culturais, tanto ditas eruditas quanto populares. Quanto a esse particular, e citando exemplo, eu diria que tanto a Fundação Nacional de Arte quanto o Instituto Nacional de Arte Cênica, do Ministério da Cultura, no meu modo de ver, têm desenvolvido programas extremamente importantes e extremamente interessantes quanto a essa questão. Cria-se no momento, também, um fundo de promoção cultural, no âmbito do Ministério da Cultura, que, no meu modo de ver, poderá agir exatamente para corrigir as distorções naturais do mercado cultural. Distorções setoriais, distorções regionais e distorções socioeconômicas.

Finalmente, a questão da informatização da sociedade, que é uma questão muito ampla e da qual eu tratarei apenas de um aspecto, que é a questão da difusão do uso de computadores. Que também é, por sua vez, uma questão muito ampla. Tentarei focar apenas o aspecto educacional e cultural. Quanto à tendência observável, eu diria que se verifica, em escala mundial, uma irreversível tendência de crescente utilização de computadores em todas as atividades econômicas, notadamente as industriais e de serviços, e em várias dimensões das atividades políticas, sociais e, até mesmo, culturais. Nossas casas, inclusive, já começam a ser invadidas por computadores pessoais ou individuais. Recentes dados, publicados por uma revista de circulação nacional, sugerem que nos Estados Unidos já existem hoje mais de 25 milhões de computadores pessoais usados em residências. Um

resultado provável dessa tendência parece-me ser o de que, para as novas gerações do Século XXI, o conhecimento de linguagens artificiais, para utilização de computadores, será tão importante quanto o conhecimento do português. Quem não dominar essas linguagens não terá acesso às profissões mais valorizadas. E será também gradativamente marginalizado da vida política, social e cultural. Entendo que uma diretriz básica para redirecionar essa tendência deva ser a democratização das possibilidades de acesso a esse novo tipo de conhecimento especializado. O que pode ser feito, vejo eu, incorporando-se como disciplina normal e talvez obrigatória, em todos os estabelecimentos de ensino, o aprendizado do uso de computadores. E isso já se verifica, notem, em algumas escolas privadas de alunos de famílias de alto status socioeconômico. Inexiste, no entanto, na quase totalidade da rede pública e privada, onde a luta ainda é pela simples alfabetização. Isso não é mais suficiente, pois esses alunos, ainda que consigam se alfabetizar adequadamente, tentarão no futuro ingressar no mercado de trabalho em flagrante desvantagem em relação aos que já dominem as linguagens artificiais dos computadores. Aliás, o próprio conceito de alfabetização e de analfabetização, ou analfabetismo, poderá ser eventualmente alterado. Essa questão da informatização evidentemente nos remeteria a um tema muito mais amplo, que é o tema da ciência e da tecnologia, em relação ao qual o Estado tem papel fundamental. No entanto, fui informado de que a questão da ciência e da tecnologia será objeto de um próximo encontro a ser realizado aqui, nesses mesmos moldes, razão pela qual eu não fiz qualquer comentário sobre essa questão. Mas é evidente que a ciência e a tecnologia não se relacionam apenas ao mundo da economia, mas se relacionam também muito diretamente ao mundo da cultura. Ficaria então para esse próximo debate. Muito obrigado.